

VIKTOR UND VIKTORIA / 1933

Jorge e Georgina

Um filme de Reinhold Schünzel

Realização e Argumento: Reinhold Schünzel / Fotografia: Konstantin Irmen-Ischet / Montagem: Arnfried Heyne / Iluminação: Günther Grau / Cenários: Benno von Arent, Arthur Günther / Coreografia: Sabine Ress / Som: Fritz Thierry, Walter Tjaden / Canções: "An einem Tag im Frühling", "Komm doch'em bibchen mit nach Madrid", "Man sagt zu einer Dame nicht beim erstmal' Komm mit"; "Rosen und Liebe" / Música: Franz Doelle / Letras: Bruno Balz / Interpretação: Renate Müller (Susanne Lohr), Hermann Thimig (Viktor Hempel), Anton Walbrook (Robert), Hilde Hildebrand (Ellinor), Fritz Odemar (Douglas), Friedel Pisetta (Lilian), Aribert Wäscher (F.A. Punkertin), Karl Harbacher, Raffles Bill, Herbert Paulmüller, Jakob Sinn, Ewald Wenck, Gertrud Wolle, Trude Lehmann (Warterin), Franz Sutton, Wagner.

Produção: Universal-Film AG / Produtor Executivo: Eduard Kubat / Distribuição: Ufa-Filmverleih GmbH / Cópia: DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português / Duração: 99 minutos / Estreia Mundial: Gloria-Palast, Berlim a 28 de dezembro de 1933 / Estreia em Portugal (versão francesa): a 14 de janeiro de 1935.

Quem nunca tenha visto **Viktor und Viktoria**, filme alemão de Reinhold Schünzel, poderá julgar que **Victor, Victoria**, o filme de Blake Edwards de 1982 é uma obra-prima. Esta declaração pode ler-se em inúmeras críticas contemporâneas e John Kobal retoma-a na sua história dos musicais. Sempre me pareceu, por isso, que a definitiva valorização (ou sub-valorização) do filme de Edwards deveria esperar pela comparação com a obra de Schünzel, cujo título passou a augurar, para mim, coisas fascinantes e reveladoras.

Quando em 1986, vi **Viktor und Viktoria**, quase me senti tentado a uma declaração oficiosa e prudente: "não confirmo nem desminto." Em primeiro lugar, porque vi o filme sem legendas. Ora, mesmo quando se tem uma tradução simultânea, como foi o caso, é evidente que muito do diálogo fica perdido, sem falar na dispersão que essa "presença estranha" ao filme acaba por provocar. Em segundo lugar, devo conceder que a cópia de 16mm embora não seja uma má cópia, está longe de restituir o que seria o esplendor do preto e branco do nitrato de 1933.

Por outro lado, nem só de atenuantes vive a minha continuada manifestação de apreço por Schünzel. Não estou convencido de que **Viktor und Viktoria** seja uma obra-prima. Todavia, esta comédia deveria parecer – e era – ousadíssima naqueles tempos de pré-nazismo. E, note-se, não o era apenas por causa da insistência na inversão sexual da protagonista, mas era-o sobretudo por causa de alguns admiráveis apontamentos de *mise-en-scène* de Schünzel. E são esses aspectos positivos, independentemente do estado da cópia ou da inexistência de legendas, que fundamentam a opinião que abaixo subscrevo.

A cena da agência, com as audições, a abrir o filme, parece-me brilhantemente construída, contrastando o lento e inexorável movimento da câmara (muito boa a passagem do actor à cantora - de **Viktor a Viktoria**, afinal) com a agitação do sítio e o *overacting* dos personagens. As cenas seguintes, estabelecem a relação entre os protagonistas, a admirável Renata Müller (uma das divas

do cinema do III Reich), e Hermann Timig. São cenas típicas de comédia, organizadas com contenção e brio. O sobressalto só chega quando Susanne aceita ser homem para poder ser mulher, isto é, quando aceita fazer no teatro o papel de Viktoria. Aí, no teatro de terceira categoria, a montagem é brilhante e a alternância da memória recente do cinema mudo (Viktor e Viktoria não abrem a boca no camarim) com a rica banda sonora (o trombone do palhaço, os gansos) é, no mínimo, uma excelente *trouvaille*.

Os espectáculos de Viktoria têm assinaláveis paralelos com o cinema musical americano, com as suas coreografias "para-berkeleyanas" (simetrias, círculos, os picados sobre o palco), embora – repare-se que estamos em 1933, o ano do primeiro **Gold Diggers** – seja difícil determinar com segurança até que ponto se pode falar de uma influência nítida de Hollywood. Schünzel demonstrou em **Amphytrion** e **Balalaika** que era capaz de caminhar com os seus próprios meios.

Outro aspecto de mérito inequívoco observável em **Viktor und Viktoria** é o do jogo de aparências, a que está naturalmente ligada a inversão sexual em que a história se baseia, superiormente conduzido por Schünzel, quer nos olhares da corista (Linda) para Viktoria (será que esses olhares são apenas o inocente fascínio da corista por um "jovem tão perfeito?"), quer, nos olhares de Robert para Viktoria (será a paixão de Robert inequivocamente heterossexual?), quer, por fim e na mais magistral sequência de "inversão", nos olhares de Viktoria para as mulheres de má-nota, na noitada londrina (e faltará saber se Viktoria não sente já o efeito perverso da sua própria representação).

Sublinho, por fim, o original emprego da música ao longo do filme. E nesse ponto parece-me que Hollywood (salvo através do emigrado Ernst Lubitsch, ou das excepções que foram o **Hallelujah** de King Vidor e o **Applause** de Mamoulian) andava então alguns pontos atrás do cinema germânico. Todo o diálogo, em verso, passa, de um modo muito estilizado, pela música, sem renegar uma óbvia influência teatral (que lhe valeu à época críticas menos favoráveis, caso do nosso *Cinéfilo*, que julgava Schünzel passível de crime lesa-cinema).

Filme de aparências e filme sobre o espectáculo como suprema aparência dos restantes (todos) jogos sociais, **Viktor und Viktoria** foi, em tempos de implantação nazi na Alemanha, um enorme sucesso de bilheteira. O ambiente na UFA já era sombrio. Um biógrafo de Renate Müller fala de estranhos desaparecimentos de judeus e das permanentes visitas das personalidades do regime ao estúdio (o que deixava Schünzel perfeitamente possesso). O filme teve uma versão francesa, mas – e volto a fazer fé em R.E. Clements, o supracitado biógrafo – devido a pressões sobre a cúpula da UFA, **Viktor und Viktoria** já não teve versão inglesa.

Como encarar, nesse contexto, o filme de Schünzel? Embora seja corrente incluir-se o filme na produção da UFA que progressivamente se encaminhava para a propaganda directa ou indirecta do regime, a verdade é que Schünzel nada tinha a ver com os nazis e é célebre uma "boca" sua a Renate Müller (foi ele afinal o principal arquitecto do mito dela – a "Nossa Renate" – no cinema alemão) quando a actriz revelava indícios de "politização" suspeitos. Depois de a avisar contra o perigo que isso traria à sua carreira, Schünzel disse-lhe: "E não te esqueças que Hitler é como um cantor de ópera, passa o tempo com a boca aberta e os olhos fechados."

Viktor und Viktoria também não é, por outro lado, um "filme de denúncia" e não se pode, por mais que se especule, ver nas "inversões" e nas máscaras dos personagens, qualquer paralelo com a situação alemã desse tempo. É um filme do espectáculo e sobre o espectáculo, um filme sobre o actor e as suas "máscaras". Só na medida em que tudo é espectáculo e todos somos actores, o filme será mais do que aquilo que eficazmente pretende ser.

M.S. Fonseca